



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

BRENDA GABRIELE SOUZA CORREIA

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE COMUNIDADES RURAIS NOS ENTORNOS DA
USINA ALIANÇA E ITAPETINGUI EM SANTO AMARO – BAHIA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

BRENDA GABRIELE SOUZA CORREIA

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE COMUNIDADES RURAIS NOS ENTORNOS DA
USINA ALIANÇA E ITAPETINGUI EM SANTO AMARO – BAHIA**

Projeto de conclusão do curso Bacharelado em Humanidades da universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira. Requisito fundamental para fechar a grade curricular e obter o certificado.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Idalina Maria Almeida de Freitas.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1	Ruínas da casa manuseada pelo administrador	19
Figura 2	Escola Aloysio Simões Santana	19
Figura 3	Igreja e local do antigo engenho Santo Antônio do Urupi	20

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	JUSTIFICATIVA E PROBLEMATIZAÇÃO	8
3	OBJETIVOS	17
3.1	GERAL	17
3.2	ESPECÍFICOS	18
4	FONTES E METODOLOGIA DE PESQUISA	18
	REFERÊNCIAS	21

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, os brancos usaram livros e materiais didáticos para minimizar a crueldade que a escravidão causou, que, por quase 400 anos, foi acirrada no apagamento cultural, na exploração do trabalho, no processo de embranquecimento, o que resultou numa desigualdade racial e social. Tais construções, foram transmitidas e apresentadas nas historiografias, demonstravam que não havia espaço para a descendência negra na sociedade, e por anos passamos a acreditar que éramos inferiores e não merecíamos nada além de migalhas. Sem perceber, esses efeitos estão intrínsecos na nossa mente e fazem-nos sentir inseguros, independentemente da nossa qualificação.

Muitas tentativas foram feitas para que a história do povo negro fosse esquecida, marginalizada e reduzida ao trabalho braçal. Ainda assim, apesar de termos negros em posições de destaque, ainda não é suficiente se analisarmos a quantidade de negros no Brasil. Isso significa que o sistema capitalista quer manter a desigualdade social, então as pessoas pobres continuam pobres e as pessoas ricas continuam intocáveis. Portanto, é imprescindível elaborar iniciativas que valorizem a cultura afrodebrasileira.

Cito por exemplo “o projeto "Memórias do cativo" foi iniciado no laboratório de história oral e imagem (LABHOI-UFF), em 1994, propondo-se a receber e arquivar, de forma apropriada, entrevistas produzidas em projetos de história oral com camponeses negros, nascidos ainda nas primeiras décadas do século passado e portadores de uma memória familiar da escravidão no antigo sudeste cafeeiro(especialmente o vale do Paraíba Fluminense, Paulista e Mineiro e o Sul do Espírito Santo), região que concentrava a maioria dos últimos escravos às vésperas da abolição no país”.¹

O acesso, por exemplo, de uma minoria negra e pobre ao ensino superior favorece para que os mesmos, tenham uma compreensão do real efeito da escravidão, impulsionando e gerando iniciativas para produções de pesquisas que nos identifiquem como sujeitos desse processo, através de projetos que deem destaque a experiências de vida e suas resistências, fazendo assim, intensificar e resgatar a identidade local.

No texto intitulado *Escravidão, Cidadania e história do Trabalho no Brasil*², a autora aborda essa necessidade de desenvolver estudos que investiguem essas populações negras,

¹ Hebe Maria Mattos, *Memórias do Cativo: Narrativas e Etnotextos*, projeto de documentação e pesquisa, acervo oral LABHOI-UFF, São Paulo, 1994, pág. 43.

² Silva Hunold Lara, *Escravidão, Cidadania e História do trabalho no Brasil*. Artigo. projeto de história, São Paulo (16) fev. 1998, pág. 38.

deixadas ao descaso para podermos conferir a sua presença na história, onde tiveram um papel relevante na economia e na construção do Brasil, mas foram simplesmente ignoradas.

Aprofundar os tópicos que abarquem a experiência da população negra é crucial para a sociedade, uma vez que a percepção obtida através da pesquisa histórica proporciona o conhecimento, que, juntamente com a ajuda de plataformas digitais, como YouTube, Instagram e outras, aumentam o contato e a disseminação de informações que contribuem para a identificação e a consolidação das nossas identidades, nos fortalecendo. Dessa forma, visando conscientizar e equiparar a população brasileira, foi necessário elaborar diretrizes curriculares para a educação brasileira, leis indispensáveis que tem o intuito de combater a discriminação racial, o que, de forma obrigatória, requer concentrar disciplinas capazes de sustentar e apoiar a diversidade cultural.

Temos a lei 10.639/03, assinada pelo Presidente Lula, que possibilitou em 2003 ser implementada nas escolas públicas e particulares, a disciplina afro-brasileira tem o plano de levar para rede de ensino o combate à desigualdade e o fortalecimento cultural. E a Lei 11.645/08, que também, sancionada pelo presidente Lula em 2008, buscar desconstruir ideias pejorativas que retratava e generalizava esses povos, a disciplina indígena propõe trabalhar saberes que não envolva uma data, mas que reforce a existência de inúmeras comunidades indígenas no país.³ Nota-se que existe um processo lento na base escolar, sobre a atuação dessas diretrizes capazes de tratar a história dos povos indígenas e afro-brasileiros com veracidade, deste modo, observa-se também, além desta análise, o que impediu a evolução intelectual foi a escolha cruel entre estudar ou trabalhar para ajudar os pais e isso fez atrasar toda uma geração que via mais vantagem no trabalho braçal do que na escola.

Nessa perspectiva do trabalho no Brasil, temos uma sociedade erguida por milhares de trabalhadores e trabalhadoras que deram seu sangue, seu suor e simplesmente sumiram da história e se reconstruíram as margens desse passado afastado dos centros, e jogados às extremidades, podendo ser elas, favelas ou zonas rurais, Silvia Lara em seu artigo se refere sobre a ausência do trabalhador escravo ao passo que se transformou no trabalhador livre, ela questiona a presença desses personagens na historiografia, onde sustentados por argumentos economistas, não permitiu de maneira digna libertar milhares de homens e mulheres de pele

³ Presidência da república casa Civil – Subchefia para Assuntos Jurídicos: **LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm Acesso em: maio, 2023.

escura, que se reinventaram sob o legado da escravidão, e de uma falsa abolição que apesar de encerrada deixou inúmeras marcas de preconceito e desigualdade.

Assim, este projeto tem como objetivo examinar a vivência de comunidades rurais do interior baiano, em particular Nova Conquista e Urupi. Essa análise compreenderá a cidade de Amélia Rodrigues enquanto território que pertencia à cidade de Santo Amaro da Purificação, que se destaca até hoje na indústria açucareira. A cidade é sede das usinas que marcaram território e manuseio da cana-de-açúcar da região de maneira secundária na área rural que destaca esta pesquisa. Elas instalaram-se entre as extremidades de Amélia e Santo Amaro de encontro com o rio Subaé, chamado de Pantaleão, local este escolhido pelos usineiros para expandir a produção de cana.

A antiga vila de Traripe, que breve se tornaria a cidade de Amélia Rodrigues que de acordo com a pesquisadora Vanessa Araújo de Oliveira, a cidade recebeu este nome em homenagem a professora, escritora e poetisa, nascida no Distrito de Oliveira dos Campinhos, Amélia Augusta do Sacramento Rodrigues que teve uma vida focada na educação e no espiritismo.

No Jornal: Feira Hoje, 27 de março de 1976 (sábado), p. 02. Destaca, Amélia Rodrigues, a mulher que empresta seu nome ao município, nasceu na localidade da Lapa, distrito de Campinhos, que por força da lei n.146, de 1º de dezembro de 1936, no governo do general Juraci Magalhães passou a distrito de paz de Lapa, Comarca de Santo Amaro da Purificação Amélia Rodrigues, que através de seus poemas e peças teatrais expõe a dinâmica social da Bahia do século XIX, Amélia Augusta do Sacramento Rodrigues (1861 – 1926) traz consigo questões referentes a condição escravista, a vida expressiva no que diz respeito à religiosidade e, principalmente, questões que remetem à condição feminina da época. Logo, escolher “Amélia Rodrigues” para ser o signo que projeta a imagem de luta social, em busca de melhores condições de vida, de modernidade, de intelectualidade, é também sugerir um projeto de sociedade para o novo município, assim como a criação da Escola Maria Teófila, com um modelo diferenciado de educação sempre voltado para os fatores sociais reais, de trabalho e de cultura.⁴

Amélia Rodrigues consolidou-se como cidade em 1961, através de diversas mobilizações políticas que custaram muito a Santo Amaro⁵. A cidade possui uma longa tradição no setor açucareiro, com a construção das usinas Aliança, Itapetigui e Usina Terra Nova. Possui uma população estimada pelo IBGE de 24.997 habitantes, estando localizada a 80 km de

⁴ Vanessa Araújo de Oliveira, Construindo Amélia Rodrigues: Discursos sobre identidade local (1961-1990), Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009, pag. 30.e 32

⁵ “A emancipação da então “Vila de Traripe” custou para Santo Amaro uma perda significativa em seu orçamento, o que iniciou uma interminável batalha judicial em relação à delimitação territorial do que pertenceria a Santo Amaro da Purificação e a partir de onde faria parte do município de Amélia Rodrigues, recém-criado.” Idem, pag. 30.

Salvador, capital do Estado da Bahia, fazendo limites com os municípios de São Sebastião do Passe, ao sul, Terra Nova, a leste, Santo Amaro da Purificação, ao oeste e sul, e Conceição do Jacuípe, ao norte. Já os dados do IBGE de 2021, Santo Amaro da Purificação conta com 60.190 habitantes, sendo que na zona Urbana: 44.778 habitantes e na zona rural: 13.033.⁶

Este projeto de pesquisa visa investigar esses locais mencionados e suas reações às mudanças que resultaram na formação de comunidades rurais. Começaremos identificando a atual cidade como vila Traripe, que tem um passado marcado pela economia açucareira, para, assim, compreendermos as suas relações que formaram a comunidade de Nova Conquista, antiga “mata de Pe-Leve”, analisar a área do Pantaleão, local propício para que diversas usinas se instalassem para aumentar o plantio de cana-de-açúcar, constatar o impacto econômico da localidade para o município, registrar as experiências de trabalho e, também, atuar para constatar algumas histórias e memórias do período recorrente aos engenhos. Essas regiões são marcadas pela exploração açucareira e de outras atividades agrícolas em fase experimental. Assim, investigaremos a localidade e sua dinâmica açucareira nas extremidades das cidades de Amélia Rodrigues e Santo Amaro. A reconstrução de mapas antigos permitirá compreender o panorama territorial onde se dava o manejo e o processo da cana-de-açúcar, bem como coletar mais relatos dos ex-trabalhadores para uma melhor compreensão do processo que ocorreu na região.

2 JUSTIFICATIVA E PROBLEMATIZAÇÃO

As relações de trabalho no período escravista e pós-abolição das populações rurais do povoado de Nova Conquista e Urupi, da cidade de Santo Amaro da Purificação, são relevantes para reconstruir e registrar memórias e histórias do passado que se fez presente pelas relações de trabalho, que tem como eixo principal a economia açucareira.

Através dos depoimentos orais de ex-funcionários das usinas de açúcar e de moradores antigos da região, buscaremos compreender a influência de Nova Conquista e sua relevância no contexto de desenvolvimento socioeconômico do recôncavo baiano. Os entrevistados disseram que a grande maioria das pessoas trabalhava nas usinas Aliança e Itapetigui. Eles apresentam diversos relatos sobre o trabalho nas lavouras, onde eram mal remunerados,

⁶ Disponível em <https://www.estadosecidades.com.br/ba/santo-amaro-ba.html>. Amélia Rodrigues (BA) | Cidades e Estados | IBGE. Acesso em: jan., 2023.

obrigados a exercerem serviços desagradáveis que exigiam uma maior demanda física, além da falta de equipamentos de segurança.

É proposto, também, examinar os registros de autores de Santo Amaro da Purificação que abordam a economia da cana-de-açúcar durante o século XIX, desde o fim da escravidão até a exploração livre no país, a fim de compreender as trajetórias dessas pessoas. Ao mesmo tempo, constitui-se como um exercício de reparação histórica. Visto que, a terra santo-amarense tornou-se muito conhecida por seu solo de massapê, propício e rico para o tipo de produção que tinha por base o trabalho escravo. Este sistema reforçou a hegemonia e assegurou a manutenção do monopólio.⁷

O cenário de exploração no território santamarense, como em muitas outras regiões, santo amaro começou de acordo com Clovis Amorim:

Produzindo cana, animado as safras e expandindo-se em mais duma centena de engenhos, do sopé da serra do Timbó aos longes do Jacu, o massapê criou o seu mundo e muito concorreu para a aventura do tráfico negreiro, impondo-se com maior arrematador de “peças africanas”, no cais da cidade negreiros da Bahia. Existe, num massapê, cavando o chão, plantando cana, rebeando o arado, tangendo a foice e a enxada, povoado as senzalas, segundo os assentos antigos, aí pelo fim do século XVIII, nada menos de seis mil negros, em números redondos, todos importados.⁸

A cidade de Santo Amaro da Purificação, se construiu rodeada de engenhos e muitas dessas se tornaram comunidades negras que por aqui permaneceram depois da abolição. O declínio dos engenhos por exemplo, formou inúmeras comunidades, e quando não era mais possível sustentar as novas tecnologias inúmeros engenhos fecharam, além deles não querem atender as exigências do processo para a reestruturação da mão de obra, onde não seria mais viável e lucrativo, marcando assim, o fim ou a permanência do trabalho com traços da escravidão como retrata Joaci de Souza Cunha em *Amargo Açúcar: Aspectos da história do trabalho e do capital no Recôncavo açucareiro da Bahia*:

período de estruturação da produção industrial do açúcar no Recôncavo não presenciaria um movimento na produção agrícola que tivesse equivalência técnica ao

⁷ “No município de Santo Amaro, onde toda economia local girava em torno do trabalho em suas fazendas e usinas, o poder da Casa Magalhães era quase absoluto. Prevalencia o tradicional domínio político, tão conhecido em nosso interior, sobressaindo— se principalmente a utilização do poder policial na repressão ao movimento operário.” Joaci de Souza Cunha, *Amargo Açúcar: Aspectos da história do trabalho e do capital no Recôncavo açucareiro da Bahia* (1945 - 1964). Dissertação, Universidade Federal da Bahia. Salvador-BA 1995, pag. 58.

⁸ Clóvis Amorim. *Santo Amaro Nação da Cana*. 2ª edição da prefeitura de Santo Amaro, setembro de 1967, pag. 20.

verificado no setor fabril com os equipamentos importados. Ao contrário, manteve-se a maior parte das características da cultura no período desuso do trabalho escravo.”⁹

Vemos em Santo Amaro um cenário marcado por suas ruínas, paralelepípedos, casarões, sendo palco de um passado carregado de história que reproduz até hoje, inúmeras memórias, através de suas estruturas e de memória viva dos mais velhos santo-amarenses que tentam passar para as gerações futuras através por exemplo, de iniciativas, tais como, desenvolvida no centro referencial de documentação de Santo Amaro-ba, que guarda inúmeros materiais do município, últimos exemplares e produções de pesquisa exclusivas se encontra apenas neste acervo.

Segundo Herundino da Costa Leal, essas memórias pouco a pouco foram desaparecendo, ele apresenta os engenhos que existiram na cidade onde verifica a antiga localidade do Pantaleão como antigo engenho e a Fazenda Urupi também, posteriormente foram surgindo as usinas.¹⁰

Os primeiros engenhos construídos pelo próprio Mem de Sá foram o Marapé e o Conde, hoje ruínas, até há muitos poucos anos Iguapé mané São de pé mostrando a grande deusa da sua construção. Mais tarde, gradativamente outros foram sendo construídos e Para conhecimento os leitores vou aqui registrar os que se vêm à memória: S. Catarina, Bangala, Engenho Novo, Penha, S. Braz, Papagaio, Capanema, S. António, Timbó, S. Conde, Calacumba, Urupi, Paraúna, Roncador, Brito, Subaé, Brotas, Santana, Jericó, Mussurunga, Pilar, Vitória, Brejo, Vá logo, Banguê, Cubiça, Engenho Velho, Itapitingui, Lembraça, Pedras, Pantaleão, Pitanga, sergi, Pitanga, S. José, S. Geraldo, S. Miguel, Casumba, Mamão, Malemba, Rio Fundo, Lourenço, Botêlho, Mataripe, Burahêm, Lixa, Aurora, S. Carlos, Velho, Catacumba, S. Bento, Conde e muitos outros que não foi possível recorda-les. À proporção que foram desaparecendo os engenhos foram sendo construídas novas usinas como as de Terra Nova, Paranaguá, Aliança, S. Lourenço e Passagem, cada uma delas com capacidade superior a cem mil sacos por safra.

O depoente Manuel Santana ex-trabalhador agrícola e dos caminhos de ferro da região, destacou também, que em Nova Conquista, sempre existiram pessoas morando e vivendo da terra antes das usinas, estas se estabelecerem e tomarem conta das terras, invadindo e derrubando as casas para expandir o plantio de cana de açúcar. Apesar do entrevistado não afirmar a existência do cativo é evidente que nesta redondeza houve escravidão advinda de pequenas fazendas, tal como na fazenda Urupi, pensando na geografia em que está localizado o antigo Pantaleão um lugar distante de tudo sendo até hoje e repleto de mato com passagem de água doce, provavelmente um lugar para se viver livremente baseando-me nas histórias e

⁹ Joaci de Souza Cunha, Amargo Açúcar: Aspectos da história do trabalho e do capital no Recôncavo açucareiro da Bahia (1945 - 1964). Dissertação, Universidade Federal da Bahia. Salvador-BA 1995, pag. 58.

¹⁰ Herundino Leal da Costa. História de Santo Amaro. Imprensa oficial da Bahia, 1964. Págs. 17-18.

memórias dos moradores e trabalhadores, apesar das pesquisas bibliográficas apontar tal localidade como engenho.

Como podemos observar no texto a seguir, os territórios ainda existentes determinados como povoações marcadas pelo período escravista e pós-abolição:

São pontos altos do município: a serra do tombador, com altitude de cerca de 260m, cita em as fazendas "Santo Antônio do Calmons" e "Timbó"; o Alto do Pe-Leve, com cerca de 250m, na Rodovia Santo Amaro - Tanque de Senzala: a pedra e seu Arraial vivem na altitude aproximada de 250m; o outeiro das perícias, com cerca de 200m, na Fazenda "Nossa Senhora do Rosário" à margem do rio Traripe, e limites com São Francisco do Conde.¹¹

O parágrafo acima, Pedreira afirma a presença do cenário aqui apresentado. Hoje não se ouve a palavra Pe-leve e fazenda santo Antônio do Calmons, atuais Nova Conquista e Urupi que juntas ocupa de acordo com agente de endemias¹², uma população estimada em mil e duzentas pessoas.

O Pantaleão de acordo com seu Altino Lourenço, foi iniciado pela usina São Carlos que logo depois, passou a ser administrado pela usina Aliança e Itapetingui, localizado nas extremidades entre Santo Amaro e Amélia Rodrigues de encontro com rio Subaé. Já a fazenda São Antônio dos Calmons passou a se destacar apenas como “Urupi ou fazenda Urupi”, o antigo engenho santo Antônio dos calmons está entre era o Engenho Subaé e Tanque de Senzala atualmente localidades povoadas pelo que restou dos casarões e igrejas:

o Vigário José Nogueira da Silva, em 1757, diz haverem os seguintes: “Quanto aos antigos e primeiros engenhos, Na Freguesia de Nossa Senhora da Purificação: do Conde e da Pitinga (dos padres Jesuítas do colégio de Santo Antão, de Lisbôa) Preguiça, Coligy (sic), São Cosme, Pitanga, pataleão... “Por outro lado, na Freguesia de São Pedro do Rio Fundo, os seguintes: Pandaluga, S. Antônio, Pernagohá (sic - ou Paranaguá), Terra Nova, Aramaré, Papagaio, Camorojipe, Jacú, Bom Jardim, do Brito, de Jacuípe, de São Pedro, " de Inhanhumata dos Religiosos do patriarca S. Bento (Inhatá)", de Nossa Senhora das Brotas. E outros: Bângala, Capanema, Timbó, Urupí, Paraúna, Roncador, Subaé, Sant'Ana, Pilar, Vitória, Brejo, Calogí, Banguê, Cobiça, Sergí, Malembá, do Partido, Caxumba, Ipiranga, e São Lourenço. Ao todo: 61 engenhos!¹³

Antes de constituir-se como povoado de Nova Conquista, a região era denominada, segundo os ex-trabalhadores, e registrado por Pedreira em 1977, como:

¹¹ Pedro Tomás Pedreira. Memórias Histórico-Geográfica de Santo Amaro. Brasília, 1977. Pág. 208-209

¹² Dado disponibilizado pela agente de endemia da comunidade, conhecida por Lucy (Lucineide Ferreira de Santana) em maio de 2023

¹³ Idem, pág. 214-215.

“Estrada do pé-Leve - por esse nome curioso foi conhecida, no império, é uma pequena Estrada de Santo Amaro a tanque de Senzala, na Bahia, entroncando-se com a rodoviária que vai da capital do Estado a cidade de Feira de Santana”.¹⁴

Região essa, de extensa mata que exerceu papel na implementação agropecuária, tanto da cana como para outros elementos em fase experimental. Sob uma cidade centenária e de grande história açucareira, onde Amorim retrata-a como território que ligeiramente teve que se adequar com a chegada dos portugueses: “o massapê de Santo Amaro é a área de povoamento mais antigo do Recôncavo baiano. Ai, cêdo, firmou-se, vai para mais de quatrocentos anos, uma civilização açucareira, portuguesa na aventura e africana na lavoura.”¹⁵

Os trabalhadores e trabalhadoras negros, ex-escravo e “livres” foram deixados à margem da sociedade, encontrando na mão de obra barata uma oportunidade, muitos desses, empregando-se em usinas de açúcar da região. Assim, a abolição, apesar de ter sido realizada, deixou os negros livres numa posição que não havia outra alternativa senão continuar a trabalhar, esses com traços parecidos com o da escravidão. Muitos trabalhadores enfrentavam jornadas de trabalho desumanas, preferindo se deslocar em busca de melhores condições de vida em outras usinas. Muitos se enganavam com promessas de emprego, como o Sr. Manuel Santana¹⁶, 84 anos, ex-funcionário agrícola e dos caminhos de ferro da região. Nos seus relatos, destacou a chegada de ônibus repletos de mulheres e homens que trabalhavam em fazendas ou usinas nas proximidades, chegando lá através de anúncios nos jornais, que prometiam bons salários e melhores condições de vida. O que era uma ilusão, pois, quando chegavam, se deparavam com o oposto: as mulheres eram vítimas de abusos, jornadas penosas nos campos ou restritas apenas ao trabalho doméstico, enquanto os homens trabalhavam no campo sem remuneração e sofriam maus-tratos. Reagindo a tudo isso, buscavam uma oportunidade nas fugas para lutarem pela liberdade, no entanto, muitos morriam tentando e outros quando conseguiam não tinham como denunciar ou enfrentavam o descaso das autoridades competentes.

Nesta pesquisa, é perceptível a dimensão do movimento Bembé do mercado, que celebra anualmente a libertação dos escravos desde o fim da escravidão. A celebração desta data reafirma e reforça a luta pela igualdade. Dessa forma, foi formalizada, com a abolição, uma batalha a ser percorrida nos anos seguintes, um marco de uma contínua luta do povo negro para

¹⁴ Idem, pág. 219.

¹⁵ Clóvis Amorim, Santo Amaro Nação da Cana. 2ª edição da prefeitura de Santo Amaro, setembro de 1967, pág. 08.

¹⁶ Entrevista concedida pelo senhor Manuel Santana, realizada no mês de abril de 2023.

serem inseridos na sociedade, o que inclui o fim da exploração do trabalho livre, que se desenvolvia principalmente nas áreas afastadas das grandes regiões e com pouca circulação de informações.

O fim da escravidão deu esperança ao povo negro de conquistar um lugar na sociedade, mas essa introdução durou anos difíceis, com mobilizações para a conquista de terras, leis que atuassem em favor, escolas que englobassem e roessem os fragmentos de um período que geram ódio e superioridade. O meu objetivo é dar mais um passo para a produção de matérias que representem um povo negro que viveu nesse povoado como escravos e ex-trabalhadores livres, onde tiveram uma trajetória econômica não especificada, e sofrem com a falta de identidade local.

Edinaldo Antônio Oliveira Souza, no artigo, enfatiza as mobilizações dos trabalhadores que reivindicaram e pararam as atividades de uma forma nunca esperada pela supremacia. No entanto, percebemos nas falas dos entrevistados que essas mobilizações, destacadas no artigo tensões, nas usinas do recôncavo, das quatro principais usinas de açúcar da Bahia, sendo apenas a Aliança e a São Carlos que residiram de maneira secundária em Nova Conquista, não tiveram uma alteração que refletissem em mudanças relevantes para os operários da época. Uma luta identificada pelos trabalhadores do povoadado foi mobilizada devido à decadência das usinas, formaram assim, um grupo de lideranças para implementar uma associação e que fosse eleito um presidente, exigências essa solicitadas pela República, mas que fosse regida pela assinatura e concordância de todos os trabalhadores, e assim marcou a conquista de algumas tarefas de terras, divididas pelo estado, onde não concentrava redenção das marcas deixadas pelas usinas, mas uma tentativa de encerrar um período sem que essas massas trabalhadoras revogassem os seus merecidos direitos trabalhistas, uma atitude que tornou essas populações esquecidas.

Hoje ainda existirem tentativas de trabalho semelhante à escravidão, principalmente nas áreas afastadas e de maior propensão a desinformação, houve um avanço nas leis trabalhistas que identificam esses locais de exploração para que o funcionário lesado toma conhecimento do que lhe ocorreu e exige seus direitos. Assim, esses inúmeros trabalhadores do campo e suas famílias são indenizados pelo estado e redirecionados.

Aqui trago também, a experiência vivida por Seu Altino Lourenço¹⁷, 99 anos, ex-trabalhador das usinas que residiu no Pantaleão, trabalhou anteriormente na Usina São Carlos e logo se fundiu à Usina Aliança. Ele nasceu e cresceu na antiga localidade conhecida como Pantaleão e sofreu com um passado difícil, já que não teve contato com seus parentes. Segundo

¹⁷ Entrevista concedida pelo senhor Altino Lourenço, realizada no mês de fevereiro 2023.

ele, seus irmãos Colodino, João Santiago, Ogusto e Martim, e suas irmãs Maria, Dos Reis, Jovina, Galdencia, conhecida como Denga e Justina, foram trabalhar em Santo Amaro, bem como em outras cidades próximas, tanto em residências quanto em usinas. S.r. Altino já não tem uma memória tão viva, mas lembrou que sua irmã mais nova Justina trabalhou fora na cidade de Santo Amaro como doméstica e sofreu muito com as imposições e acusações de roubo dos seus patrões. Em consequência, morreu jovem, esperando um bebê, de acordo com ele; “o desgosto foi grande, era muito difícil de vê-la, muito magra”.

Como podemos observar, os irmãos e irmãs do S.r. Altino migraram para outras regiões na esperança de melhores condições de vida e trabalho como destaca Santos:

O deslocamento entre cidades era bastante comum durante a escravidão, embora se tenha dificuldade de identificar os migrantes internos por ser esse um movimento populacional pouco documentado. Mas, após a abolição, tornou-se uma prática mais recorrente nas áreas rurais brasileiras, pois, para os libertos, o deslocamento significaram uma forma de reafirmar a conquista da autonomia e da liberdade.¹⁸

S.r. Altino como filho caçula permaneceu na região para cuidar de seus pais, João Lourenço e Maria Simiana, identifiquei que ele não possui uma memória dos seus avós que possivelmente pela conjuntura dos fatos e da época, as possibilidades foram deles terem sido escravizados, ou viveram aquilombados nas redondezas do Pantaleão (lugar de difícil acesso e distante, corre água doce do rio Subaé) ou mesmo ao fim e declínio dos antigos engenhos por ali permaneceram. Ele também, afirma que não teve contato com o cativo e seus pais não falavam sobre o assunto, pelo visto não conversavam, a rotina acirrada do trabalho atrapalhou a construção da afetividade entre ele e seus pais, observamos nas falas um distanciamento. Eles não moravam na mesma casa e não podiam, pois era uma das imposições do feitor, já que os pais. eram impossibilitados de trabalhar, ele apenas mandava o dinheiro para os pais sobreviverem.

Quando seu Altino nasceu, a escravidão tinha apenas 36 anos de abolida, por isso que, destaco a questão da existência do cativo na vida dos avós e dos pais do depoente, no entanto, aparentou ser uma questão sensível e não abordada pelo entrevistado. O assunto sobre a ausência do contato com seus pais e com sua família lhe dói bastante. Além, dele ter começado pequeno a trabalhar amarrando cana para levar para os animais comer, ainda, lidava bastante com imposições do feitor e administrador, em uma de suas falas destacou um evento

¹⁸ Maria Emília Vasconcelos dos Santos, Caminhos e descaminhos da liberdade para os trabalhadores nos engenhos da Zona da Mata Sul de Pernambuco entre 1884 e 1893, História Social da Cultura pela Universidade Estadual de Campinas, Pernambuco, MÉTIS: história & cultura, 2015, pág. 117.

envolvendo o manuseio do veneno em que era aplicado nas canas de açúcar sem nenhum equipamento de segurança (EPI) que ele e outro colega de trabalho já falecido, de nome Rosalvo, também ex-trabalhador da cana, exerciam juntos onde destacou que o produto era muito forte e tinha um mau cheiro, também deixava o solo queimado e prejudicava muito a saúde.

Ao analisarmos a área em questão, percebemos que são locais que podem ter sido usados como refúgio, pois as Fugas eram um exercício que os negros faziam para conseguir uma certa liberdade, e essas redondezas não ficavam de fora. A possibilidade dessa mata antiga de Pé-leve ter sido também um dos territórios de escapatória dos engenhos para a formação de quilombos, na perspectiva de viver livremente e criar suas próprias formas de subsistência, encontrando nessas matas fechadas uma brecha para poder sobreviver mesmo que fugidos. Pedro Tomás Pedreira destacou que: “os negros, entretanto, vendo-se maltratados pelos “senhores” revoltavam-se e, fugindo para os matos, formaram ali pequenas povoações bem defendidas e cercadas por estacadas de madeiras, que foram denominados de “quilombos” ou “mocambos”.”¹⁹

Clóvis Amorim também, fala sobre as constantes fugas em que a cidade de Santo Amaro da Purificação e em específico em Oliveira dos Campinhos, região próxima da comunidade enfrentava. Menciona Lucas da Feira, suposto bandido que vivia nas vizinhanças, possíveis regiões que ele poderia estar pelas matas fechadas, localizadas através dos engenhos e fazendas denomina-se de Tanque de senzala, Canoa, Barro Vermelho, Moringue, Urupi ou Pantaleão. Comunidades que são marcadas por populações negras. Lucas confrontava sua realidade sem medo, saqueava e matava os brancos desafiando o cativo.

Outra referência, retratada por Clovis Amorim, conta uma lenda sobre o Subaé região também próxima, quando o rio nasceu cheirava a timo e alfazema e com o passar do tempo, tomando conhecimento de tanto coisa ruim o rio perdeu sua essência, o cheiro que a envolvia. Ou seja, devido ao mal que pairava e adentrava pelas águas ou estradas fez da nossa terra ter que ligeiramente processar e ter que desenvolver forma de enfrentar as práticas perversa ali existentes nos engenhos e posterior das usinas.

Às margens êrmadas do Subaé, riozinho sem geografia, meu pequenino Subaé que não molha o mapa, nascia, largo de pedra de cantaria e de óleo de baleia, roble enorme contornando a minúscula caudal ou roçando os cimos ordenantes e fugitivos, a patriarcal cidade de santo amaro da purificação, senhora e dona da nação da cana,

¹⁹ Pedro Tomás Pedreira, Memórias Histórico-Geográfica de Santo Amaro. – XIV Santo Amaro a escravatura e sua abolição, Brasília, 1977, pag. 197.

criada à sombra macia do negro escravo, povoada de padres e reinos, de meirinhos e demandistas, de nobres e traficantes, de aventureiros e mascates.²⁰

Os historiadores Amorim, Pedreira e Leal evidenciam que essas localidades mencionadas neste estudo não são mencionadas para destacar a sua importância econômica. Eles apresentam em seus livros uma visão minuciosa e descrições que remetem aos nomes dados e enumerados nos antigos engenhos, uma compreensão superficial do local. Não há menção à economia operada nessa região. Até agora, somente sobre o local da pesquisa, encontramos o lugar de Nova Conquista como Mata de Pé-Leve, o engenho Pantaleão e o Urupi como região que incluía o engenho Santo Antônio do Urupi, que tem como referência o capoeirista Besouro Manganga. Essa área desempenhou um papel de suporte no processo de cana-de-açúcar, que era parte de um processo que impulsionava o setor financeiro da cidade, como evidenciado pelas entrevistas de moradores e ex-funcionários..

O antigo canal denominado “mata de Pe-Leve”, localizada na zona rural de Santo Amaro Bahia, constitui-se como comunidade de Nova conquista em julho de 1985. Depois da falência e escassez das usinas, em específico a usina Aliança, o Estado juntamente com a luta dos ex-trabalhadores, em concordância de uma eleição para presidente e implantação da associação ACAPU - Associação Comunitária do Projeto Urupi, representou o direito daqueles que também viviam na antiga fazenda Pantaleão. Após esse processo, foram então divididas as tarefas e assim, os moradores passaram a viver do que produzia e vendia. Por outro lado, muitos donos de usina ou mesmo descendentes de senhores de engenho, conseguiram extensões de terras das quais, são passadas de geração para geração ou entre amigos que constituem, é claro, as mesmas relações e posição social.

Deste modo, analisando todo esse cenário açucareiro que formou a comunidade hoje, através das relações de trabalho, poderemos por meio desta pesquisa, conhecer um pouco dessas comunidades que tanto contribuí para a economia e que aos poucos vem perdendo fontes de informação da época da mão-de-obra-barata, recorrendo a memória oral daqueles que atuaram para a formação deste lugar, e que carregam consigo memórias fundamentais para retratarmos as transformações do trabalho. Aqui eu trago por exemplo, um pouco da experiência do já falecido “S.r. Louro” um pouco antes de descobrir seu problema de saúde, o entrevistei, e fico muito grata em representá-lo aqui em meu projeto de pesquisa para que ele possa assim, ser lembrado, preservando suas memórias aqui nessa pesquisa e para as gerações futuras.²¹

²⁰, Clóvis Amorim. Santo Amaro Nação da Cana. 2ª edição da prefeitura de Santo Amaro, setembro de 1967. p. 10

²¹ Entrevista concedida pelo senhor Louro, realizada no dia 25 de out 2019.

Outro importantíssimo entrevistado é S.r. Jose Pereira de apelido Zé Dias, 77 anos, ex-trabalhador das usinas que aqui situavam, principal fonte, do qual, auxilia constantemente no andamento desta pesquisa, acerca da localidade informando e deixando a par das transformações existentes durante as usinas onde retratou suas experiências de vida e do precário trabalho em que viveu.²²

A partir dessa pesquisa, planejo desenvolver um pequeno livro pedagógico para as crianças da comunidade, de forma que fortaleça sua identidade local e faça cada um aprender de maneira prática o envolvimento do trabalho agrícola, as fontes orais apresentadas no decorrer deste trabalho, e do turismo rural e ecológico que temos e das múltiplas formas de sustento das inúmeras famílias da comunidade.

Portanto, desenvolvo este projeto de pesquisa com base nesses critérios, investigando continuamente a história não escrita da comunidade de Nova Conquista afinando, e construindo a partir das referências que ali foram se formando com a chegada dos engenhos e, posteriormente, as usinas, hoje comunidade que carrega consigo saberes vivenciados nos canaviais. Através desses cenários, será possível observar as mudanças no ambiente laboral e o crescimento da comunidade que anteriormente abrigou as usinas São Carlos, Aliança e Itapetingui. E assim, assegurar a história local na historiografia do país.

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

O projeto de pesquisa tem como objetivo investigar a formação de antigas comunidades rurais conhecidas como Urupi, Pe-Leve e Pantaleão, essas comunidades que se estabeleceram como canaviais administradas pelas Usinas Itapetingui e Aliança, no município de Santo Amaro – Bahia. Pretende-se entender a história dessas comunidades rurais a partir das relações de trabalho e sociabilidades permeadas em torno dos Engenhos e das Usinas, e das dinâmicas de reorganização produtiva da cana-de-açúcar e de outros produtos de subsistência;

²² Entrevista concedida pelo senhor Jose Pereira, realizada no ano de 2019 a 2023

3.2 ESPECÍFICOS

Investigar a história das comunidades rurais, canaviais, engenhos e fazendas no entorno da Usina Aliança e Usina Itapetingui;

Compreender as relações de trabalho e de sociabilidade nos entornos da Usina, diretamente associadas à produção açucareira ou de subsistência dessas comunidades;

Analisar a reestruturação das relações de trabalho, políticas e sociais das antigas comunidades rurais após o fechamento da Usina;

Percorrer as trajetórias de alguns personagens ligados às dinâmicas dessas comunidades rurais;

Organizar um material didático para a comunidade que traga um pouco da história daquela comunidade;

4 FONTES E METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa tem se desenvolvido por meio de leitura bibliográfica, livros de memórias ou literários, documentos históricos e entrevistas.

- Análise dos depoimentos de antigos trabalhadores da usina para compreender as formas de trabalho e efetuação de pagamento, buscando também relatos do período do engenho, identificando de onde vinham esses trabalhadores e como se davam os deslocamentos;
- Leituras bibliográficas de referência sobre o movimento açucareiro no recôncavo baiano, especificamente em Santo Amaro;
- Investigar os registros das antigas propriedades no Urupi onde seria uma das sedes do engenho Santo Antônio do Urupi e a relação com a Usina Aliança;

Área do Pantaleão, onde viviam os antigos trabalhadores da usina e anteriormente engenho, neste local era construído casas de taipas.

Figura 1 - Ruínas da casa manuseada pelo administrador



Fonte: acervo pessoal.

Figura 2 - Escola Aloysio Simões Santana



Fonte: acervo pessoal.

Figura 3 - Igreja e local do antigo engenho Santo Antônio do Urupi



Fonte: acervo pessoal.

REFERÊNCIAS

SOUZA, Edinaldo Antônio Oliveira, **Tensões nas usinas de açúcar do Recôncavo: a greve de 1946 e as disputas trabalhistas no “intervalo democrático” (1945-1964)**, artigo, 11. ed. Uberlândia: Artcultura, 2009.

CUNHA, Joaci de Sousa, Amargo, **Açúcar: Aspectos da história do trabalho e do capital no Recôncavo açucareiro da Bahia (1945 - 1964)**. Dissertação apresentada a Coordenação do Mestrado de História da Universidade Federal da Bahia. Salvador-Ba, 1995.

MATTOS, Hebe Maria, **Memórias do Cativo: Narrativas e Etnotextos**. projeto de documentação e pesquisa, acervo oral LABHOI-UFF, São Paulo, 1994.

SANTOS, Maria Emília Vasconcelos, **Caminhos e descaminhos da liberdade para os trabalhadores nos engenhos da Zona da Mata Sul de Pernambuco entre 1884 e 1893**, História Social da Cultura pela Universidade Estadual de Campinas, Pernambuco, MÉTIS: história & cultura.

LEAL, Herundino da Costa. **História de Santo Amaro**. Imprensa oficial da Bahia, 1964.

PEDREIRA, Pedro Tomás. **Memórias Histórico-Geográfica de Santo Amaro**. Brasília, 1977 – XIV Santo Amaro a escravatura e sua abolição.

AMORIM, Clóvis. **Santo Amaro Nação da Cana**. 2ª edição da prefeitura de Santo Amaro, setembro de 1967.

BAPTISTA, Karina Cunha, **O Diálogo dos Tempos: Memória da escravidão, história e identidade racial entre os afro-brasileiros**, Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2002.

SOUZA, Amós da Cruz, **Sobre a(s) Memória(s) dos Homens/Mulheres das Usinas: contemporaneidade do Recôncavo açucareiro como demanda educacional**, Tese (Doutorado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade. Campus I. Salvador, 2015

MATTOS, Ana Maria Rios Hebe Maria, **O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas**, artigo, Rio de Janeiro, 2004.

OLIVEIRA, Vanessa Araújo, **Construindo Amélia Rodrigues: Discursos sobre identidade local (1961-1990)**, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009.

<https://www.estadosecidades.com.br/ba/santo-amaro-ba.html>.

Amélia Rodrigues (BA) | Cidades e Estados | IBGE

Usina Aliança – Banguê – Entidade Cultural Beneficente (banguê.com.br)

Microsoft Word - PLANO NACIONAL_11052009_final.doc (mec.gov.br)